

A Natureza dos Direitos, a Liberdade Religiosa

As Américas são um laboratório do estudo da liberdade religiosa.

A descoberta e a colonização das Índias Ocidentais, iniciadas em 1492, são uma fonte de oportunidades para o estudo da evolução política, social e económica da Humanidade. Para a Europa, a colonização do Novo Mundo providenciou dados para o desenvolvimento das ciências sociais modernas, assim como do Direito Natural. Seja pelo movimento da Renascença Italiana, pelas leituras antropológicas de John Locke ou pelo florescimento do Iluminismo, o Novo Mundo estimulou o pensamento evoluído dos filósofos europeus. O contraste entre as diferentes colónias da América do Norte e do Sul, tem sido uma fonte crescente de estudos de ciências sociais. As diferentes experiências religiosas entre os colonos da América do Sul e do Norte, tornou-se numa especialidade em si mesma no âmbito do estudo da ciência social. Embora a colonização de Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Holanda, Suécia e Dinamarca sejam dignas de estudo, vamos examinar a colonização espanhola e britânica no Novo Mundo.

As primeiras colónias espanholas nas ilhas das Antilhas, no México e no Perú foram acompanhadas pelo clero. As explorações iniciais de 1492 ocorreram no fim do Reino Islâmico de Granada e durante a expulsão dos Judeus não convertidos ao Cristianismo. Marrocos, e especialmente o Império Otomano, beneficiaram com o acolhimento dos Judeus sefarditas exilados altamente qualificados e instruídos. A expulsão dos Judeus castelhanos marcou uma política de negligência ou negação da contribuição económica de não-conformistas religiosos que defendiam a pureza teológica. Espanha, Portugal e França, como países Católicos, mantiveram uma política de conformidade religiosa entre os colonos do Novo Mundo. A recém formada Inquisição Espanhola (1478) teve um papel importante na aprovação de pessoas que desejavam migrar para as colónias espanholas e portuguesas. Veremos como a Inglaterra Anglicana seguiu precisamente a política inversa, tornando as colónias Inglesas o objectivo dos dissidentes religiosos de Inglaterra.

O clero espanhol teve um papel fulcral nas colónias do Novo Mundo. O clero mantinha, uma linha de contacto, separada e independente, com o governo real em Espanha, o que emergira já nas primeiras colónias de Santo Domingo e Cuba, onde as populações nativas eram escravizadas para fornecer alimentos e mão de obra para os cultivos e minas dos espanhóis. Os nativos americanos eram e permaneciam a maioria da população e o clero via-os como o mais importante foco de estabelecimento do Cristianismo no Novo Mundo.

Assim, houve uma série de conflitos relacionados com os nativos entre o clero e os colonos espanhóis estabelecidos. Entre os diversos membros do clero, o frade dominicano Don Fray Bartolome De Las Casas (1474-1566) (Bispo de Chiapa) recebeu a maior atenção na defesa dos direitos dos nativos perante os Conselhos

Reais espanhóis. Acresce que, enquanto alguns membros do clero destruíam a arte e história dos nativos, muitos outros preservavam e estudavam a sua cultura.

Nas cidades de Nova Espanha e Peru, especialmente a Cidade do México e Lima, foi criada uma profunda e influente cultura religiosa Católica. As cidades gozavam de um amplo estabelecimento de confraternidades religiosas, assim como de escolas, colégios e vinte e quatro universidades. Embora tenha sido estabelecida meio século depois da descoberta do Novo Mundo, a Sociedade de Jesus (Jesuítas) tornou-se na maior força de educação dos colonos Espanhóis e Portugueses.

Embora a América Espanhola tenha sido colonizada depois da Coroa de Castela ter acabado com o papel das assembleias representativas e sofrido com o poder “modernizante” da Monarquia Absoluta, o papel dos munícipes, do clero secular e das ordens religiosas na Nova Espanha e Peru criaram um número de canais de equilíbrio contra o pesado poder governamental.

Nos finais do século XVI, as dezassete províncias da Holanda pertenciam ao património herdado por Felipe II do Imperador Carlos V. Contudo, a imposição de impostos comerciais, por parte de Espanha, num norte da Europa riquíssimo e altamente comercial, deu origem a protestos por parte da nobreza e da burguesia Católica. Filipe II abriu falência quatro vezes, na tentativa de suprimir os protestos sobre os impostos na Holanda. Entretanto, parte da Holanda tornara-se protestante, adicionando intensidade ao conflito. Com a independência das sete províncias protestantes, a República Holandesa era uma federação de sete províncias, cada uma com a sua assembleia representativa. Manteve colónias no Novo Mundo, observando previamente a linha papal que dava a Espanha e Portugal direitos exclusivos sobre colónias.

Os holandeses não levaram a cabo a colonização como uma acção governamental directa, mas através da criação de sociedades comerciais: a Companhia Holandesa das Índias Orientais e a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. A Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, estava voltada para o mundo Atlântico, incluindo os rios Hudson e Delaware na América do Norte, o nordeste Brasileiro (conquistado a Portugal) e as ilhas das Índias Ocidentais. Estas companhias pouco estavam interessadas na religião, quando em comparação com os lucros comerciais. Os colonos holandeses levavam o clero, mas não excluíam activamente as minorias religiosas, como os Judeus Portugueses que tinham investido no Brasil, que após a reconquista por parte de Portugal, assentaram em Nova Amsterdão.

Inglaterra, após as explorações iniciais de 1490, não prosseguiu com novos avanços.

Manteve-se perto de casa ao recolonizar a Irlanda sob o reinado de Henrique VIII, casado com a Infanta Catarina de Aragão, filha de Fernando e Isabel. O divórcio e novos casamentos de Henrique

VIII levaram à criação por parte do rei de uma Igreja nacional, com o Rei à cabeça da Igreja de Inglaterra. Embora a liturgia e a doutrina fosse Católica, segundo as tradições de Henrique VIII, o curto reinado do seu filho aproximou-a da liturgia e doutrina Protestante. Quando a filha de Henrique e Catarina, Maria Tudor, sucedeu no trono Inglês, casou-se com o filho do seu sobrinho (Carlos V), Filipe II. Maria e Filipe restauraram os rituais e a hierarquia Católica em Inglaterra (1553-58). Elisabete I (1558-1603) preferia pessoalmente os rituais Católicos, mas insistiu no seu absoluto domínio da Igreja de Inglaterra.

Apesar de não ser opôr à teologia protestante do continente, Elisabete opôs-se às mudanças nos rituais das missas e na hierarquia. Os puritanos ingleses desejavam “purificar” a Igreja Inglesa de todos os elementos Católicos para substituí-los por sacerdotes e congregações levando à abolição dos Bispos. À medida que os puritanos conquistavam fiéis na crescente classe média, assim como nas Universidades de Oxford e Cambridge, os monarcas e o clero anglicano tornaram-se mais tradicionais. Em contraste com Espanha, a Inglaterra não se tornou “moderna” com uma Monarquia Absolutista, mas permaneceu medieval com instituições representativas, como o parlamento e os tribunais de direito consuetudinário, que as colónias Americanas herdaram.

Os puritanos decidiram que a Inglaterra tornava-se inóspita para o puritanismo, e emigraram para a Nova Inglaterra. Os puritanos formaram então a Massachusetts Bay Company em 1628 e iniciaram uma forte migração para Nova Inglaterra. Assentaram perto da colónia de Plymouth, fundada em 1620 por protestantes que se tinham separado da Igreja Anglicana. Foram fundadas outras companhias de New Heaven e Connecticut. Já não se viam como uma parte da Igreja Anglicana, mas sim como Congregacionalistas. Em 1634, fundou-se a Universidade de Harvard para o treino do clero puritano, cem anos após a criação de universidades na Cidade de México e Lima.

Em 1701, Harvard já não era vista como estritamente calvinista e a Universidade de Yale foi fundada como a casa da ortodoxia puritana.

Os investidores ingleses tinham estabelecido uma primeira colónia em 1607 na Virgínia pela Companhia de Londres. Os colonizadores eram normalmente membros da Igreja de Inglaterra, maioritariamente interessados nos lucros dos cultivos de tabaco. Como a Virgínia era a colónia mais rica, os pastores da Igreja Anglicana faziam parte das elites locais. Em 1696, o clero anglicano fundou uma universidade para a formação do clero Anglicano e leigos, na nova capital, Williamsburg: o William and Mary College.

Os puritanos não eram a única minoria em Inglaterra. Os católicos mantinham-se fiéis apesar das perseguições do Governo. No ano de 1620, a monarquia atribuiu uma colónia a um ex-Secretário de Estado, George Calvert, Lord Baltimor. Os seus filhos lideraram uma colónia de católicos ingleses para Maryland, acompanhados por Jesuítas ingleses, cujas academias foram precursoras da Universidade Georgetown, fundada em 1789, quando os Católicos gozavam da liberdade religiosa de uns Estados Unidos independentes.

Os puritanos de Nova Inglaterra não eram tolerantes para com

o anglicanismo ou quaisquer outras formas de Protestantismo. O clero puritano que desenvolveu demais a sua teologia, foi expulso. Um exemplo foi Roger Williams, que tinha estudado no centro puritano da Universidade de Cambridge, Emmanuel College. Fugiu durante o inverno para as cidades índias de Rhode Island, onde estabeleceu boas relações com os índios. A sua colónia tornou-se no refúgio para os dissidentes religiosos e floresceu economicamente. Williams é visto como o fundador da tradição Baptista na América, que levou à fundação da Universidade Brown (1764), em Providence.

Rhode Island recebeu o novo grupo mais perseguido, a Sociedade de Amigos (Quakers).

Os Quakers receberam finalmente uma colónia quando a William Penn, um convertido ao Quakerismo, foi concedida uma nova colónia, a que chamou de Pennsylvania. Pennsylvania tornou-se então um refúgio não só para os Quakers, como também para os grupos Alemães como os Amish, Mennonites, Hutterites, entre outros.

A colónia holandesa de Nova Holanda, foi comprada pela Inglaterra e oferecida ao irmão do Rei Carlos (casado com a infanta Portuguesa Catarina de Bragança), o Duque de Iorque, o futuro Rei James II. James concedeu à sua nova colónia, Nova Iorque, uma carta de direitos, conhecida como as Leis do Duque (Duke’s Laws), que concedia aos habitantes holandeses o uso continuado do Direito Romano-Holandês, e todos os seus costumes, direitos e usos, incluindo a Igreja Reformada Holandesa. Apesar dos Holandeses se manterem como maioritários em Nova Iorque e Nova Jérсия, os colonizadores ingleses trouxeram as suas igrejas Anglicana, Congregacional e Presbiteriana.

Os vários grupos religiosos em Philadelphia, incluindo os dominantes Quakers, fundaram em conjunto a Universidade de Pennsylvania (1740). Os Anglicanos e Presbiterianos fundaram o College de New Jersey (1746) que se tornou na Universidade de Princeton. A Igreja Reformada Holandesa fundou o Queen’s College (1766), que se tornou na Universidade Rutgers de New Brunswick, em Nova Jérсия.

As colónias inglesas tornaram-se assim no refúgio para os grupos religiosos perseguidos inclusivé em Inglaterra, quando os Presbiterianos extremistas assentaram na América. Havia ainda grupos de refugiados da Europa. Em 1685, o Rei Luis XIV expulsou os Presbiterianos Franceses (huguenotes) que se recusavam converter ao Catolicismo. Ao contrário de Inglaterra que enviava os dissidentes para as colónias, França não permitiu que os Huguenotes assentassem em New France (Quebec) ou na Louisiana. Os Huguenotes foram para a Holanda, Inglaterra e Prussia. Muitos vieram para as colónias inglesas como New Rochelle (Nova Iorque), Rhode Island e Charleston, na Carolina do Sul. Criaram então uma rede de contactos comerciais à volta do mundo Atlântico, enriquecendo a América Inglesa.

Após 1714, Espanha e Inglaterra tinham novas dinastias; os Bourbon Franceses substituíram os Habsburgos, Austríacos em Madrid, e os Hanovers de Brunswick substituíram os Stuarts em Londres. Os Bourbons entraram em pleno vigor em Espanha e reorganizaram radicalmente o governo e os impostos em Espanha



e na América Espanhola, introduzindo um completo despotismo burocrático. Depois de 1759, Charles III impôs um maior controlo central. Em Inglaterra, os Hanovers George I e II, eram germanófilos e preferiam os seus palácios em Hanover. Quando o gabinete inglês visitava Hanover, conversava com o Rei na sua única língua comum: o Latim (diz-se). A Inglaterra gozava da sua “liberdade monárquica”, quando o gabinete, representando a maioria da Câmara dos Comuns, governava. Montesquieu, no Espírito das Leis, descreve a Inglaterra como uma república. Desde 1720-1760 a supremacia dos Whigs dominava a Câmara dos Comuns; Sir Robert Walpole foi primeiro-ministro de 1720 a 1742 e Sir Henry Pelham foi primeiro-ministro de 1742 até à sua morte. O irmão de Pelham, o Duque de Newcastle foi Secretário de Estado (incluindo das colónias) de 1720 a 1760. A política dos Whig seguia John Locke, que tinha sido Lorde do Conselho das Colónias. Edmund Burke chamou à política dos Whig Salutory Neglect. Os regulamentos não eram impostos, os impostos não eram recolhidos. A Inglaterra gozava a Revolução Industrial, e a América Inglesa vivia um dos maiores crescimentos económicos da História, num período em que uma maior diversidade de grupos religiosos migrava.

Uma das maiores acções dos monarcas Bourbon, incluindo Carlos III de Espanha, foi a supressão da ordem religiosa da Sociedade de Jesus durante o ano de 1760. Em França, Nápoles, Parma, Toscana, Reino das Duas Sicílias, Portugal e Espanha, os Jesuítas foram expulsos para os Estados Papais e as suas propriedades confiscadas pelo Estado. Na América espanhola houve uma forte oposição levada a cabo pelos munícipes e confrarias. Como as ordens religiosas emprestavam os lucros acumulados, muitos negócios e proprietários tiveram que arranjar fundos para pagar ao Estado, como novos donos das propriedades Jesuítas. A educação superior sofreu severamente na América espanhola e portuguesa. A independência chegou à América espanhola em 1808.

Desde a fundação de Maryland como um refúgio católico, os Jesuítas eram o clero dos Católicos de Maryland, e os seus cultivos sustentavam as actividades educacionais em Maryland. Os filhos dos católicos abastados foram para os colégios Jesuítas na Flandres e em França para uma educação superior. Charles Carroll de Carrollton (1736-1832) era o americano mais abastado. Charles estudou no colégio Jesuíta de Louis Le Grand em Paris, onde o seu pai ofereceu a obra de John Locke, e onde aprendeu o pensamento anti-tirânico de Francisco Suarez e de Roberto Bellarmino. Como líder revolucionário, Charles assinou a Declaração de Independência. Preparou também a primeira constituição para o Estado de Maryland e foi o primeiro senador americano de Maryland. O seu primo, Daniel Carroll (1720-1796) foi membro do senado de Maryland e do Congresso Americano. Assinou o Articles of Confederation (constituição preliminar dos Estados Unidos) e a Constituição Americana. Foi educado no colégio Jesuíta em Santo Omer na Flandres, como o foi também o seu irmão, John Carroll (1735-1815). John Carroll, continuou os seus estudos como Jesuíta em Liege. Tornou-se Jesuíta em 1769, mas com o fim da Ordem em 1773, John Carroll regressou a Maryland. O decreto papal que suprimia a Ordem dos Jesuítas requeria a proclamação pelas autoridades legais. Os Ingleses ignoraram a acção e os padres Jesuítas em Maryland decidiram continuar como um corpo colectivo, mantendo as propriedades dos Jesuítas – The Corporation of the Gentleman of Maryland. O pai John Carroll representava o Congresso Continental para as autoridades em Quebec que decidiram não participar na Revolução Americana. Foi eleito pelo clero católico dos Estados Unidos como seu presidente, e mais uma vez eleito como o primeiro Bispo Americano em Balti-

more quando Roma aprovou o Bispo Americano. John Carroll fundou o Colégio Georgetown (1789) e em 1808 foi nomeado primeiro Arcebispo de Baltimore. O catolicismo americano foi abençoado pelo número crescente de clero de França e Itália, que procuravam refúgio da Revolução Francesa, especialmente os Sulpicianos que haviam estabelecido seminários e Jesuítas que enchiam o Colégio de Georgetown.

A Sociedade de Jesus foi restaurada mundialmente pelo Papa Pio VII em 1814, quando regressou do cativo sob Napoleão. Os Jesuítas de Maryland tornaram-se parte da nova Ordem Jesuíta e criaram um Universidades nos Estados Unidos nas décadas que se seguiram.

Quando Carlos III estava a introduzir um forte despotismo burocrático em Espanha, um novo Rei sucedia ao trono Inglês em Outubro de 1760. George III (1738-1820), neto de George II. George imediatamente demitiu os ministros e oficiais Whig de longa data e revertendo o Salutory Neglect iniciou um processo de burocracia administrativa que os Whigs consideraram similar à burocracia despotista dos Bourbon de França, Espanha e do Reino das Duas Sicílias. A resposta foi a emergência de um novo partido Whig na oposição, inspirado por Edmund Burke. George III sucedeu no trono Inglês quando Inglaterra ganhou a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). A guerra começou no vale de Ohio quando George Washington, um oficial da milícia da Virgínia procurou desafiar o comércio francês com os índios e o seu forte em Fort Duquesne (agora Pittsburgh). Após alguns reversos iniciais, a Inglaterra ganhou o controlo do Quebec, como também das esferas francesas da Índia e Índias ocidentais. Espanha juntou-se ao Compacto da Família Bourbon e perdeu Manila e Havana para Inglaterra. A Paz de Paris deu a Inglaterra o Quebec e Índia; Espanha rendeu a Flórida em troca de Manila e Havana, e foi compensada pela França com o Louisiana.

Os ganhos ingleses custaram-lhes a maior dívida nacional da sua história. A nova administração Tory levou a cabo um aumento dos impostos e das regulamentações. A prosperidade americana ficou ligada à exportação de produtos alimentares, especialmente para colónias francesas produtoras de açúcar (O Haiti no século XVIII substituiu o Brasil do século XVII como a Arábia Saudita do açúcar).

Os agricultores ingleses na Jamaica e Barbados queriam o monopólio das exportações da América. A nova administração Tory ficou satisfeita em reforçar as restrições mercantilistas no comércio externo e em procurar cobrar mais impostos. Os Americanos reagiram contra a nova burocracia e impostos. Pendia ainda a ameaça de Londres de impôr um Bispo anglicano na América, que era entendido como a imposição de uma possível região estadual, em colónias de diversidade religiosa.

Em 1763, Londres proibiu a colonização no Vale de Ohio, vale que Washington e outros reivindicavam para venda a colonos. Americanos das treze colónias encontraram-se em vários Congressos em Philadelphia para procurar soluções para o descontentamento. Quando Londres aboliu a Carta de Direitos de Massachusetts, o Segundo Congresso Continental publicou a Declaração de Independência (4 de Julho de 1776).

A América inglesa beneficiou economicamente e socialmente da liberdade religiosa, consequência da Constituição medieval inglesa e do direito consuetudinário. A América espanhola, por sua vez, sofreu económica e socialmente, devido ao controlo estadual sobre a religião, em primeiro lugar, seguido pela hostilidade estadual e perseguição anti-clerical. ●